



## A PESQUISA CIENTÍFICA SOBRE “RESOURCE CURSE”: TRAJETÓRIA, TEMAS EMERGENTES E AGENDA

## SCIENTIFIC RESEARCH ON “RESOURCE CURSE”: TRAJECTORY, EMERGING THEMES AND AGENDA

Alexandre de Cássio Rodrigues, Universidade Fumec, Brasil, alexandrerodrigues.engprod@gmail.com

Suzana Braga Rodrigues, Universidade Fumec, Brasil, suzana.braga.rodrigues@gmail.com

### Resumo

Apesar de mais de duas décadas de pesquisa, ainda não há um consenso na literatura sobre a tese da “resource curse”, isto é, que países ricos em recursos naturais tendem a ter um baixo desenvolvimento econômico, político ou social. Qual foi a trajetória da pesquisa sobre “resource curse”? Quais são os temas emergentes? Este é o primeiro estudo a responder a estas questões através da análise da rede formada pelas relações de citações de 816 trabalhos sobre “resource curse” publicados entre 1993 e 2017. Os resultados encontrados fundamentam a proposta de uma agenda de pesquisa sobre “resource curse”.

**Palavras-chave:** “resource curse”; trajetória de pesquisa; temas emergentes, agenda de pesquisa.

### Abstract

Despite more than two decades of research, there is still no consensus in the literature on the “resource curse” thesis - that countries rich in natural resources tend to have low economic, political or social development. What was the trajectory of the research on “resource curse”? What are the emerging themes? We are the first to answer these questions through the analysis of the network formed by the citation relations of 816 works on “resource curse” published between 1993 and 2017. We use our results to substantiate the proposal of a research agenda on “resource curse”.

**Keywords:** resource curse; research trajectory; emerging themes; research agenda.

## 1 INTRODUÇÃO

O termo “resource curse” foi usado pela primeira vez por Auty (1993) para se referir ao paradoxo no qual os países dotados de recursos naturais como petróleo, gás natural e minérios tendem a ter menor crescimento econômico e piores resultados de desenvolvimento do que países com menos recursos naturais. Por exemplo, Angola, Congo, Nigéria, Venezuela e alguns países do Oriente Médio têm suas economias baseadas em recursos naturais e apresentam baixas ou negativas taxas de crescimento econômico, além de pobreza generalizada. Em contraste, Japão, Coreia, Taiwan, Cingapura e Hong Kong têm altos padrões de vida e exportam poucos recursos naturais.

A literatura sobre “resource curse” cresceu significativamente nos últimos anos. Em uma busca na base de dados Web of Science constata-se que em 1997 havia apenas 9 publicações que se referiam explicitamente ao tópico “resource curse”; este número aumentou para 73 em 2007 e para 816 em 2017. No entanto, apesar de mais duas décadas de pesquisa intensiva, ainda são inconclusivos os efeitos dos recursos naturais sobre o desenvolvimento econômico (Dauvin & Guerrier, 2017; Van der Ploeg & Poelhekke, 2017; Havranek, Horvath & Zeynalov, 2016), político (Ross, 2015; Ahmadov, 2014) ou social (Cust & Viale, 2016). Qual foi a trajetória da pesquisa sobre “resource curse”? Quais são os temas emergentes desta linha de pesquisa? As Respostas destas questões poderão contribuir para que seja definida uma nova agenda de pesquisa para o campo (Booth, Sutton & Papaioannou, 2016).



Este artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura sobre “resource curse”. O objetivo é entender como os principais temas desta linha de pesquisa evoluíram ao longo do tempo. Para tanto, é analisada a rede formada pelas citações de 816 trabalhos sobre “resource curse”, os quais foram publicados entre 1993 e 2017. A rede de citações das publicações revela o fluxo de conhecimento e, assim, permite verificar sob que diferentes perspectivas este conhecimento se difundiu (Van Eck & Waltman, 2017). Além disso, esta abordagem possibilita identificar a importância de publicações específicas e, também, descobrir temas emergentes de determinado campo de pesquisa (He, Lei & Wang, 2018).

Este estudo contribui para a literatura sobre “resource curse” em alguns aspectos. A primeira contribuição é metodológica, pois, de acordo com exaustiva busca realizada pelos autores, até o momento, este é o primeiro estudo a analisar a rede de citações das publicações para examinar a literatura sobre “resource curse”. Segundo, os resultados encontrados podem ajudar os pesquisadores a compreender melhor a gênese e o estado atual da pesquisa sobre “resource curse”. Terceiro, este trabalho identifica, através de critérios objetivos, as publicações que mais se destacaram na difusão do conhecimento, bem como os temas emergentes da pesquisa sobre “resource curse”. Além disso, com base nos resultados encontrados, são fornecidos insights para uma agenda de pesquisa neste campo.

Além desta introdução, este artigo contém mais quatro seções. A seção 2 apresenta uma síntese de recentes revisões da literatura sobre “resource curse” para, em seguida, posicionar a contribuição deste estudo. A seção 3 explica os métodos e apresenta o conjunto de dados. A seção 4 discute os resultados encontrados. A última seção resume as contribuições e apresenta as limitações deste estudo e, ainda, fornece uma agenda de pesquisa sobre “resource curse”.

## 2 SÍNTESE DAS RECENTES REVISÕES DA LITERATURA SOBRE “RESOURCE CURSE”

Recentemente, vários autores revisaram a literatura sobre “resource curse”, adotando diferentes abordagens, perspectivas e focos (Tabela 1).

**Tabela 1**

Síntese das revisões da literatura sobre “resource curse”

Revisão	Abordagem	Perspectiva	Foco
Badeeb, Lean & Clark (2017)	Qualitativa	Macroeconômica/ Político-econômica	Evolução da pesquisa sobre “resource curse”
Van der Ploeg & Poelhekke (2017)		Macroeconômica/ Político-econômica	Evidências de estudos quantitativos recentes
Papyrakis (2016)		Macroeconômica/ Político-econômica	Análise de oito artigos influentes
Ross (2015)		Político-econômica	Efeitos dos recursos naturais sobre as instituições, democracia e guerra civil
Gilberthorpe & Papyrakis (2015)		Macroeconômica/ Microeconômica/ Político-econômica	“Resource curse” nos níveis micro, meso e macro
Cust & Viale (2016)		Microeconômica/ Político-econômica	“Resource curse” no nível subnacional
Havranek, Horvath & Zeynalov (2016)	Quantitativa	Macroeconômica	Meta-análise: recursos naturais – crescimento econômico
Dauvin & Guerrier (2017)		Político-econômica	Meta-análise: petróleo – crescimento econômico
Ahmadov (2014)			

Fonte: Elaborada pelos autores



As conclusões destas revisões não são consensuais quanto aos efeitos dos recursos naturais sobre o desenvolvimento. Embora haja autores que defendam que a relação negativa entre recursos naturais e crescimento econômico dos países seja convincente (Badeeb, Lean & Clark, 2017), a maioria concorda que esta relação não é forte (Van der Ploeg & Poelhekke, 2017) ou que depende, principalmente, do contexto político, do tipo de recurso e das instituições (Dauvin & Guerrier, 2017; Papyrakis, 2016; Havranek, Horvath & Zeynalov, 2016). Há, ainda, poucas evidências de que os recursos naturais afetem o desenvolvimento de estados, regiões ou municípios de um país (Cust & Viale, 2016; Gilberthorpe & Papyrakis, 2015). Quanto aos efeitos políticos dos recursos naturais, existe um consenso de que, em regimes autoritários, as rendas do petróleo tendem a prolongar a duração dos governos, aumentar a corrupção e desencadear conflitos violentos (Ahmadov, 2014). Contudo, em regimes democráticos, estes efeitos são ambíguos (Ross, 2015).

As revisões anteriores facilitam a compreensão do desenvolvimento da pesquisa sobre “resource curse”. Além disso, como em toda revisão de qualidade, estes trabalhos podem orientar os pesquisadores na definição de futuras questões de pesquisa que realmente sejam relevantes (Booth, Sutton & Papaioannou, 2016). No entanto, ainda há muito a aprender sobre “resource curse”, já que, apesar de mais de duas décadas de pesquisa intensiva, os efeitos dos recursos naturais sobre o desenvolvimento ainda são inconclusivos. Assim sendo, este artigo além de revisar a literatura sobre “resource curse”, promove avanços na compreensão da evolução deste tema por basicamente três motivos.

O primeiro motivo é que este estudo examina a literatura sobre “resource curse” por meio de uma revisão sistemática, que é reconhecida por ser cientificamente rigorosa, uma vez que é auditável e replicável (Booth, Sutton & Papaioannou, 2016). Revisões sistemáticas da literatura minimizam a ocorrência de problemas decorrentes da subjetividade na seleção de publicações (Acedo et al., 2006). Estes problemas, possivelmente, estão presentes nos trabalhos anteriores, pois como na maioria deles as publicações foram selecionadas manualmente, existe a real possibilidade de que publicações importantes tenham sido negligenciadas. Portanto, a utilização de metodologias objetivas pode contribuir para validar as conclusões das revisões anteriores.

Em segundo lugar, este estudo examina uma grande quantidade de publicações, o que reduz as consequências negativas da limitação de tempo, energia e capacidade cognitiva dos autores (Raghuram, Tuertscher & Garud, 2010), fatores que podem ter sido presentes nas revisões anteriores. Por exemplo, a mais recente revisão da literatura sobre “resource curse”, de Badeeb, Lean & Clark (2017), foi baseada em 125 publicações. As revisões de Papyrakis (2016) e Ross (2015) incluíram, respectivamente, 79 e 172 publicações. Embora esses autores possam ter se esforçado para selecionar as publicações mais importantes, o tamanho da literatura sobre “resource curse” é muito maior do que o número de publicações que foram referenciadas.

Terceiro, este estudo aplica um método - a análise da rede das citações das publicações, que, objetivamente, identifica a estrutura de conhecimento e os trabalhos que mais se destacaram na difusão do conhecimento (He, Lei & Wang, 2018). Este método foi utilizado em recentes revisões da literatura sobre sustentabilidade e bem-estar (Qasim, 2017), astronomia e astrofísica (Van Eck & Waltman, 2017), patentes (Van Raan, 2017), coesão intrapartidária (Close, 2016), envelhecimento bem-sucedido (Kusumastuti et al., 2016) e gestão da cadeia de suprimentos (Strozzi & Colicchia, 2015). No entanto, uma ampla busca realizada pelos autores deste trabalho, revelou que a análise da rede de citações de publicações ainda não foi usada para examinar a literatura sobre “resource curse”. Portanto, este estudo fornece uma nova maneira de visualizar a trajetória e de identificar os temas emergentes da pesquisa sobre “resource curse”.



### 3 MÉTODOS

#### 3.1 Estudo da trajetória da pesquisa científica sobre “resource curse”

Para estudar a trajetória da pesquisa sobre “resource curse” foi utilizado o método de análise da rede de citações das publicações. A suposição deste método é que os campos de pesquisa não são apenas conjuntos de publicações, mas uma configuração em redes de citações que transformam o conhecimento científico. Isso porque se presume que os pesquisadores através de citações mútuas não apenas posicionam seus trabalhos no campo de pesquisa (He, Lei & Wang, 2018), mas contribuem fundamentalmente para a acumulação do conhecimento deste campo. Assim, embora existam alguns problemas com o uso de dados de citações - por exemplo, citação negativa (isto é, citação que coloca a obra citada em xeque), autocitação e ausência de citação, a análise da rede de citações pode ser usada para avaliar o nível de contribuição que uma publicação traz para o avanço do conhecimento científico (Flatt, Blasimme & Vayena, 2017).

Para analisar a rede de citações de um conjunto de publicações é preciso: i) selecionar a fonte de dados das publicações; ii) coletar os registros completos das publicações; iii) determinar o tipo de relação entre as publicações e iv) por similaridade, atribuir cada publicação a um cluster (Van Eck & Waltman, 2017). Neste estudo, adotou-se a Web of Science (WoS) como a fonte de dados das publicações. Criada na década de 1960, a WoS é o mais antigo banco de publicações científicas, as quais remontam a 1900. A WoS contém registros de mais de 20.000 periódicos e possui bancos de dados, incluindo artigos, documentos de conferências, revisões e livros. Além de ser uma ampla base de dados, outra vantagem da WoS é que as suas publicações são selecionadas por meio de rigorosos critérios de qualidade<sup>1</sup>.

A coleta dos registros das publicações sobre “resource curse” na WoS ocorreu em maio de 2018, porém somente foram incluídas as obras publicadas entre 1993 e 2017, formando, assim, um intervalo de 25 anos de pesquisa sobre o tema. A busca inicial foi definida para 1993 porque foi neste ano que o termo “resource curse” foi usado pela primeira vez. A escolha de 2017 como período final justifica-se porque, além de permitir selecionar publicações recentes, torna o procedimento de recuperação da informação auditável e replicável. Caso fosse adotado como período final da busca a data da coleta de dados, haveria o risco de em uma posterior replicação do procedimento serem obtidos resultados diferentes. Isso porque como a definição do período final de busca na WoS está restrita a um ano específico ou à data da coleta de dados, o número de publicações recuperadas posteriormente poderia ser maior, já que incluiria trabalhos publicados após a data de coleta de dados.

Adotou-se como critério de busca o tópico “resource curse”. Assim, a busca considerou a ocorrência do termo “resource curse” no título, resumo ou palavras-chave das publicações. Conforme esperado, em uma busca-teste não foi encontrado nenhum trabalho contendo o tópico “resource curse” que tenha sido publicado antes de 1993. Entre 1993 e 2017, a busca resultou em 816 publicações primárias, incluindo artigos de periódicos (85,75%), documentos de conferências (7,13%), revisões (2,60%), resenhas de livros (2,38%), materiais editoriais (1,07%), capítulos de livros (0,95%) e novo item (0,12%)<sup>2</sup>. Até a data da coleta de dados, mais 52 registros de trabalhos publicados em 2018 estavam disponíveis na WoS. Porém, estas publicações, pelos motivos já apresentados, não foram incluídas na amostra.

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: <<https://clarivate.com/products/web-of-science/web-science-form/web-science-core-collection/>>.

<sup>2</sup> Aos leitores interessados, os dados dessas publicações (título, autores, ano de publicação, periódico e número de citações) foram disponibilizados pelos autores deste trabalho em: <<https://goo.gl/UtJ1Po>>.





Os registros completos das publicações primárias, bem como as publicações secundárias citadas por elas, foram exportados para o software CitNetExplorer. Esta ferramenta permite relacionar as publicações, realizar análises quantitativas exploratórias livres de hipóteses e visualizar a rede formada pelas relações das publicações mais revelantes (para conhecer os detalhes do funcionamento deste software, consulte Van Eck & Waltman, 2014; 2017). As publicações foram relacionadas por meio de citação direta (ou seja, as relações entre a publicação original e as publicações citadas por ela), ao invés de relações de acoplamento bibliográfico (isto é, as relações entre publicações que citam a mesma publicação) ou de relações de co-citação (isto é, as relações entre publicações que são citadas pela mesma publicação). O motivo desta escolha é que relações de acoplamento bibliográfico e co-citação, as quais são relações indiretas, podem fornecer informações menos precisas sobre a relação das publicações do que as relações de citação direta (Klavans & Boyack, 2017; Waltman & Van Eck, 2012). No entanto, o uso de relações de citação direta pode ter uma desvantagem. Quando o período de análise é recente, algumas publicações podem não ter relações de citação direta com outras publicações. Essa fraca conexão entre as publicações pode dificultar a identificação de grupos (clusters), os quais podem conter trabalhos de um tema emergente que está sendo discutido pelos pesquisadores.

Concluída a determinação da relação entre as publicações, cada publicação foi atribuída a um cluster. Essa atribuição foi feita através da maximização de uma função utilidade da modularidade, que leva em consideração a similaridade da relação entre as publicações (para uma discussão detalhada sobre a função utilidade da modularidade usada pelo CitNetExplorer, consulte Van Eck & Waltman, 2014; 2017). Para todas as análises de cluster foi usado o parâmetro padrão de resolução (1,00) do software CitNetExplorer. O parâmetro de resolução determina o nível de detalhamento por meio do qual os clusters são identificados. Quanto maior é o valor do parâmetro, maior é o número de clusters. Além disso, foi escolhido como 100 publicações o tamanho mínimo de cada cluster. Identificados os clusters, suas publicações foram exploradas qualitativamente para, assim, traçar a trajetória da pesquisa sobre “resource curse”.

### 3.2 Identificação de temas emergentes da pesquisa sobre “resource curse”

O uso de relações de citação direta possibilita o estudo da trajetória de um campo de pesquisa. No entanto, conforme explicado anteriormente, por meio dessa abordagem os trabalhos publicados mais recentemente, por ainda não terem sido muito citados, não são incluídos entre as publicações mais relevantes de um dado cluster. Conseqüentemente, o uso de relações diretas, embora seja adequado para detectar o que foi importante em uma área de pesquisa, é inapropriado para identificar temas emergentes (Van Eck & Waltman, 2014; 2017). Então, para atender ao propósito de identificar os temas emergentes sobre “resource curse”, admitiu-se uma sub-amostra composta apenas pelas obras disponíveis na WoS que tenham sido publicadas nos dois últimos anos do período em análise. Essa sub-amostra contemplou 266 trabalhos (32,6% da amostra original), sendo que 130 deles foram publicados em 2016 e 136 em 2017.

Para analisar a rede formada pelas publicações daquela sub-amostra foram aplicados dois métodos. Primeiramente, buscou-se criar clusters a partir das palavras-chaves utilizadas naquelas publicações. Esta tarefa apresenta uma dificuldade de implementação, pois palavras que tenham o mesmo significado podem ter sido grafadas de modo diferente (Van Eck & Waltman, 2014; 2017). Por isso, foi necessário criar um dicionário<sup>3</sup> para, por exemplo, considerar como iguais expressões como “resource curse” e “natural resource curse” ou, ainda, “economic growth” e “economic-growth”. O conjunto final de palavras-chaves foi utilizado para criar uma rede. Nesta

<sup>3</sup> O dicionário criado pelos autores foi disponibilizado em: < <https://goo.gl/z638N7>>.



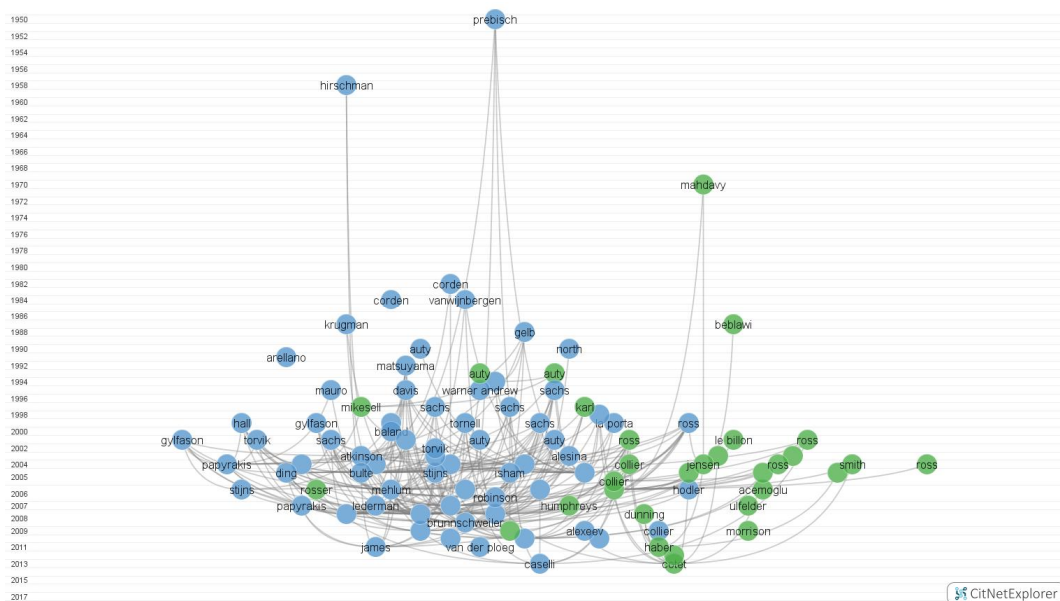
rede a relação foi dada pelo número de vezes que estes termos ocorreram juntos nas palavras-chaves das publicações. Logo, quanto maior o número de coocorrências de dois termos, mais forte deveria ser a relação entre eles. Com base nesta relação, as palavras-chave foram agrupadas em clusters. Neste caso, os clusters revelam detalhes sobre os assuntos tratados em determinado tema de pesquisas recentes (Zupic & Čater, 2015).

Em segundo lugar, foram determinadas as relações de acoplamento entre as publicações. Assim, foi possível obter clusters a partir das publicações que citam as mesmas publicações. A ideia subjacente é que estes clusters reúnem trabalhos recentes que abordam o mesmo tema (Qiu, Dong & Yu, 2014). Para implementar os dois métodos explicados nesta subsecção, foi utilizado o software VOSviewer. Esta ferramenta permite visualizar e analisar as redes formadas tanto pelas palavras-chaves e quanto pelas publicações acopladas (para conhecer os detalhes do funcionamento deste software, consulte Van Eck & Waltman, 2010).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 A trajetória da pesquisa científica sobre “resource curse”

Realizada a exportação dos registros das 816 publicações primárias sobre “resource curse” para o software CitNetExplorer, foram identificadas 227 publicações secundárias consideradas relevantes. Estas, a critério dos autores, foram as publicações não primárias que haviam sido citadas ao menos 10 vezes pelas publicações primárias. Assim, foi formada uma rede composta por 1043 trabalhos, publicados entre 1931 e 2017, e que estavam conectados por 9675 relações de citação. Na análise desta rede, 40 obras não foram incluídas em nenhum cluster, pois não formaram um cluster com pelo menos 100 publicações. As demais foram atribuídas a dois clusters, sendo que o primeiro cluster continha 565 publicações e 5070 relações de citação e o segundo cluster era composto por 438 publicações e 2618 relações de citação. Na Figura 1 é visualizada a rede formada pelas 100 publicações mais citadas nestes dois clusters.



**Figura 1:** Rede das 100 publicações sobre “resource curse” mais citadas

Fonte: Elaborada pelos autores

Nota: A rede visualizada na Figura 1 é estática. Porém, no software CitNetExploer a visualização é interativa. Isso possibilita, por exemplo, aplicar zoom sobre uma área específica e explorar detalhes das publicações (título, autores, periódico). Os arquivos necessários para visualizar a versão interativa desta rede foram disponibilizados pelos autores em: < <https://goo.gl/h19N2g> >.



Na Figura 1 cada círculo representa uma publicação, que está rotulada pelo sobrenome do primeiro autor. As linhas curvas representam as relações de citação, enquanto que o eixo vertical, a linha do tempo, descreve o ano em que o artigo foi publicado. A localização das publicações no eixo horizontal é determinada pela similaridade das publicações na rede de citação. Logo, quanto mais próximos os círculos estão posicionados um do outro, mais as publicações estão relacionadas umas às outras (Van Eck & Waltman, 2017).

Assim sendo, na Figura 1, o cluster azul contém mais publicações que estão intimamente relacionadas entre si que o cluster verde (69 e 31, especificamente). Esses clusters, que adiante serão detalhadamente explorados, estão enraizados em duas publicações clássicas, de Prebisch e de Mahdavy, respectivamente. Por isso, daqui para frente, eles serão chamados de cluster-Prebisch e cluster-Mahdavy. Na Figura 1 também se observa que o cluster-Prebisch (azul) começou a publicar artigos sobre “resource curse” antes do cluster-Mahdavy (verde). Além disso, nota-se que nos primeiros anos estes clusters não interagiram. No entanto, com o tempo eles passaram a reconhecer a importância de considerar a perspectiva do outro, o que é evidenciado pelo fato de suas publicações terem começado a se aproximar horizontalmente. Especificamente, nota-se que, principalmente a partir de 2001, as publicações de um cluster passaram a citar as publicações do outro cluster. Para finalizar esta análise inicial é preciso frisar que, apesar de a Figura 1 sugerir o contrário, houve publicações sobre “resource curse” após 2013. É que como a rede visualiza apenas as 100 publicações mais citadas da extensa literatura sobre “resource curse”, as obras que foram publicadas recentemente, mas que ainda não foram muito citadas, não estão incluídos nela.

#### 4.1.1 Explorando o cluster-Prebisch

A Tabela 2 mostra alguns destaques do cluster-Prebisch. Ao explorar as publicações deste cluster, nota-se que embora o termo “resource curse” tenha sido usado pela primeira vez somente em 1993, Prebisch, em 1950, já havia previsto uma relação negativa entre recursos naturais e crescimento econômico. O argumento desta hipótese era que os termos de troca entre bens primários e bens manufaturados declinariam com o tempo, fazendo com que países dotados de recursos naturais crescessem a menores taxas que países cujas economias fossem baseadas na indústria. Adiante, a hipótese de Prebisch foi reforçada pelo argumento de que a extração de recursos naturais gera um menor encadeamento para frente e para trás que a produção de bens manufaturados (Hirschmann, 1958).

**Tabela 2**  
Destaques do cluster-Prebisch

Item	Publicação	Título	Citações <sup>a</sup>
<b>Trabalho pioneiro</b>	Prebisch (1950)	Crecimiento, desequilibrio y disparidades: interpretación del proceso de desarrollo económico	28
<b>Trabalho mais citado</b>	Mehlum, Moene & Torvik (2006)	Institutions and the resource curse	256
<b>Trabalho mais recente</b>	Caselli & Michaels (2013)	Do oil windfalls improve living standards? Evidence from Brazil	25
<b>Debate</b>	Efeitos macroeconômicos dos recursos naturais		
<b>Mensagem</b>	O efeito dos recursos naturais sobre o crescimento econômico depende da qualidade das instituições		

Fonte: Elaborada pelos autores

<sup>a</sup> Escores de citação calculados pelo software CitNetExplorer



Na década de 1980, os trabalhos de Corden & Neary (1982), Corden (1984), Van Wijnbergen (1984), Krugman (1987) e Gelb (1988) propuseram uma nova explicação para uma relação negativa entre recursos naturais e crescimento econômico: a valorização da moeda local, que frequentemente, ocorre com a descoberta de petróleo, gás natural ou minérios. Esta explicação, conhecida como “doença holandesa”, baseia-se no argumento de que a moeda valorizada inibe a exportação de bens manufaturados, que ficam mais caros no exterior, e, ao mesmo tempo, favorece a importação destes bens. Como consequência, a indústria local torna-se menos competitiva, acarretando, assim, em menores taxas de crescimento econômico.

Embora a deteriorização dos termos de troca e a “doença holandesa” parecessem explicações teóricas razoáveis para a ideia da “resource curse” levantada por Auty (1993), a pesquisa empírica sobre este tema somente foi impulsionada pelo trabalho seminal de Sanchs & Warner (1995). Estes autores foram os primeiros a evidenciar os efeitos adversos dos recursos naturais sobre o crescimento econômico, o que foi reafirmado em estudos posteriores (Sanchs & Warner, 1997; 1999; 2001; Gylfason, 2001).

De modo geral, as publicações que se seguiram buscaram apresentar respostas a Sanchs & Warner (1995). Uma parcela destes trabalhos apresentou uma resposta empírica, mostrando que os efeitos dos recursos naturais sobre o crescimento econômico são nulos ou até positivos, dependendo da forma como os dados são expressos. Especificamente, alega-se que a “resource curse” ocorre como consequência da dependência dos recursos naturais, expressa como percentual do valor das exportações em relação ao PIB, e não da abundância dos recursos naturais, expressas em termos das rendas per capita ou das reservas dos recursos naturais per capita (Brunnschweiler & Bulte, 2008; Van der Ploeg & Poelhekke, 2010).

No entanto, a maioria das publicações apresentou uma resposta teórica a Sanchs & Warner (1995), atribuindo às instituições como determinantes do crescimento econômico dos países, conforme sugerido por North (1990) e Acemoglu, Johnson & Robinson (2001). Na publicação mais citada do cluster-Prebisch, Mehlum, Moene & Torvik (2006), os autores argumentam que a qualidade prévia das instituições determina como a riqueza proveniente dos recursos naturais será aproveitada, definindo, portanto, como e em que extensão ela poderia avalancar o crescimento. De fato, a “doença holandesa”, por exemplo, não precisa ocorrer quando os recursos naturais são descobertos. Afinal, um governo competente pode direcionar as rendas da extração dos recursos naturais para os investimentos públicos, ao invés do consumo, superando, assim, as consequências da valorização da moeda local (Frankel, 2010).

Em resumo, as publicações do cluster-Prebisch discutem a relação entre recursos naturais e desenvolvimento sob uma perspectiva macroeconômica. Embora haja constatações de que, de fato, existe uma “resource curse”, parece haver um consenso entre os autores deste cluster de que a qualidade das instituições é fator-chave para estabelecer a ligação da relação entre recursos naturais e crescimento econômico.

#### **4.1.2 Explorando o cluster-Mahdavy**

Adiante, a Tabela 3 mostra alguns destaques do cluster-Mahdavy. Ao explorar este cluster, verifica-se que a publicação pioneira dele, Mahdavy & Cook (1970), apresentou o conceito de estados rentistas, que são os países que regularmente recebem substanciais quantidades de rendas externas, como são aquelas geradas pela extração de recursos naturais. Este conceito foi ampliado por Beblawi (1987), que acrescentou que para ser considerado um estado rentista, o governo precisa ser o principal destinatário dessas rendas.





O conceito de estados rentistas é fundamental para compreender como os recursos naturais afetam outras dimensões do desenvolvimento, além do crescimento econômico. Primeiramente, por serem exogenamente financiados, os estados rentistas não têm grandes estímulos para fomentar o setor produtivo, pois são capazes de sozinhos sustentar a economia. Paralelamente, o setor produtivo se sujeita à mentalidade rentista, que dissocia recompensa de esforço e risco.

O segundo efeito é que as rendas dos recursos naturais fazem com que os estados tenham menor necessidade de tributar a população, conduzindo, assim, à menor responsabilização (accountability) do governo perante os seus jurisdicionados. Em outras palavras, quando as rendas dos recursos naturais aumentam, os políticos podem reduzir a tributação para, dessa forma, tornar os cidadãos mais complacentes. Este é o argumento utilizado pela teoria de Mahdavy & Cook (1970) para reivindicar que os estados rentistas fornecem amplos incentivos para perpetuação de regimes autoritários.

**Tabela 3**

Destques do cluster- Mahdavy

Item	Publicação	Título	Citações <sup>a</sup>
<b>Trabalho pioneiro</b>	Mahdavy & Cook (1970)	The patterns and problems of economic development in rentier states: The case of Iran	44
<b>Trabalho mais citado</b>	Ross (2001)	Does oil hinder democracy?	184
<b>Trabalho mais recente</b>	Cotet & Tsui (2013)	Oil and conflict: What does the cross-country evidence really show?	26
<b>Debate</b>	Efeitos políticos dos recursos naturais		
<b>Mensagem</b>	As rendas dos recursos naturais favorecem a perpetuação de regimes autoritários		

Fonte: Elaborada pelos autores

<sup>a</sup> Escores de citação calculados pelo software CitNetExplorer

O trabalho mais citado do cluster-Mahdavy, Ross (2001), forneceu a primeira evidência empírica de uma relação positiva entre rendas dos recursos minerais e autoritarismo. O autor argumenta que três mecanismos estabelecem esta ligação. O primeiro mecanismo são as medidas fiscais para manter a população politicamente desmobilizada, seguindo o raciocínio de Mahdavy & Cook (1970) e Beblawi (1987). O segundo mecanismo é o aumento do gasto público em ações que possam aumentar o poder das forças armadas, o que pode intimidar grupos opositoristas, sobretudo de movimentos sociais engajados pelo reconhecimento de direitos políticos. O terceiro mecanismo, denominado de spending effect, é a utilização das rendas dos recursos naturais para fomentar medidas clientelistas, como patronagem.

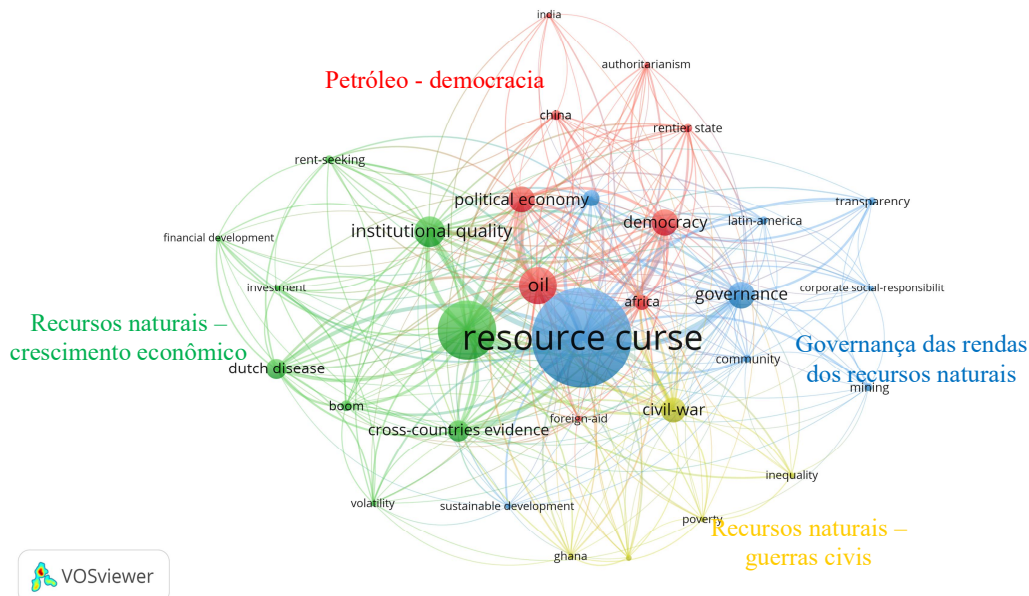
Similarmente ao que ocorreu com o trabalho de Sanchs & Warner (1995) no cluster-Prebisch, no cluster-Mahdavy as publicações que se seguiram buscaram apresentar respostas a Ross (2001). Alguns destes trabalhos mostraram que as rendas dos recursos naturais, além de aumentar a duração de governos autoritários (Ulfeder, 2007), também estão relacionadas à incidência de guerras civis e aumento da corrupção (Collier & Hoeffler, 2005; Humphreys, 2005; Dunning, 2008; Ross, 2012). Outros, porém, constestaram o trabalho de Ross (2001), mostrando que quando os efeitos fixos dos países são controlados não se verifica uma relação negativa entre rendas dos recursos naturais (Haber & Menaldo, 2011) ou início de guerras civis (Cotet & Tsui, 2013).

Em suma, as publicações do cluster Mahdavy discutem o tema “resource curse” sob a perspectiva da político-econômica. Os autores deste cluster buscam verificar uma relação entre as rendas dos recursos naturais e autoritarismo e incidência de conflitos e guerras civis.



## 4.2 Temas emergentes da pesquisa sobre “resource curse”

Os resultados anteriores permitiram estudar a trajetória da pesquisa sobre “resource curse” e, também, detalhar as perspectivas pelas quais o assunto foi analisado ao longo tempo. No entanto, eles não identificaram os temas emergentes desta linha de pesquisa, pois o método utilizado para obtê-los ignora a contribuição de trabalhos publicados recentemente, os quais ainda não foram muito citados. Para superar esta limitação, a partir dos termos que ocorreram pelo menos cinco vezes nas palavras-chaves de 270 obras publicadas em 2016 e 2017 que tratavam do tópico “resource curse”, foi construída uma rede. Na visualização desta rede, mostrada na Figura 2, o diâmetro dos círculos é diretamente proporcional ao número de ocorrências das 32 palavras-chave que eles rotulam e as linhas curvas ilustram as 308 relações de coocorrência dessas palavras-chave. Por sua vez, a proximidade entre os círculos realça a intensidade da relação entre as palavras-chave, enquanto que as cores dos círculos indicam o cluster ao qual as palavras-chave similares foram atribuídas (Van Eck & Waltman, 2010).



**Figura 2:** Rede das palavras-chaves das recentes publicações sobre “resource curse”

Fonte: Elaborada pelos autores

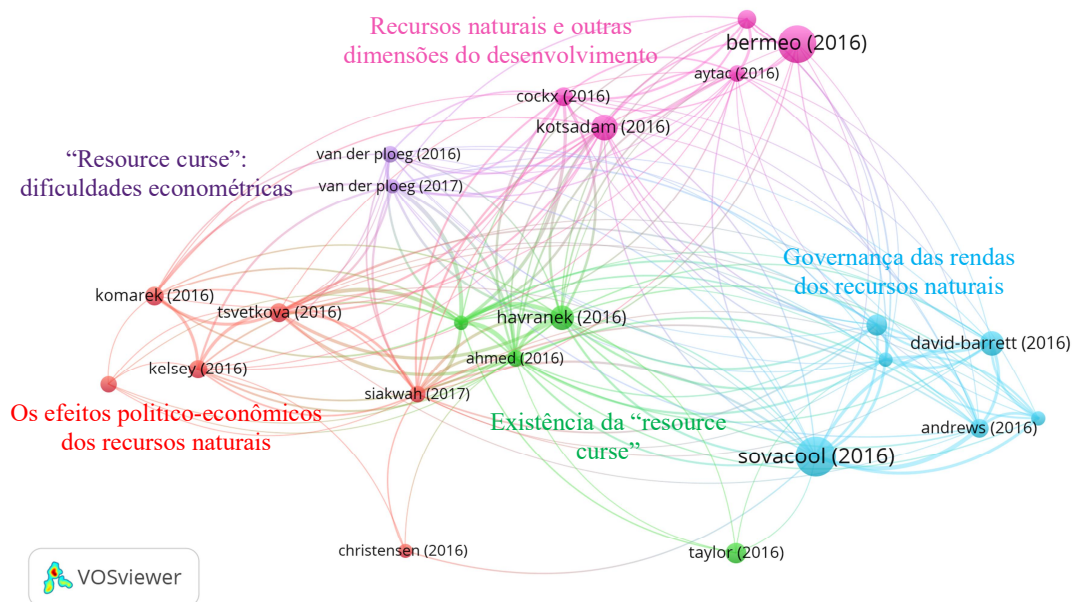
Nota: Uma versão interativa das palavras-chaves de artigos recentes foi disponibilizada pelos autores em <<https://goo.gl/vdxtcT>>. Na versão interativa é possível aplicar zoom sobre os clusters e explorar detalhadamente a relação entre as palavras-chaves. Para utilizar estes recursos é necessário que a ferramenta Java esteja instalada no seu computador.

Diante disso, a Figura 2 sugere que há quatro temas emergentes na pesquisa sobre “resource curse”. O cluster verde sinaliza que ainda continua ativa a discussão sobre a real existência de uma relação negativa entre recursos naturais e crescimento econômico dos países, assim como a identificação dos mecanismos fazem esta ligação, com destaque para a qualidade das instituições. Porém, esta perspectiva macroeconômica de análise, que dominou o início dos debates sobre os efeitos dos recursos naturais sobre o desenvolvimento, tem sido superada pela perspectiva político-econômica. Neste sentido, os estudos recentes têm procurado aprofundar a compreensão da relação entre recursos naturais (petróleo, em particular) e democracia (cluster vermelho), guerras civis, desigualdade e pobreza (cluster amarelo). Não obstante, a Figura 2 ainda sugere que o principal tema emergente da pesquisa sobre “resource curse” tem sido o debate sobre políticas que possam impedir que os recursos naturais afetem negativamente o



desenvolvimento (cluster azul). Em outras palavras, os trabalhos mais recentes sobre “resource curse” parecem estar se direcionando para a busca de soluções, especificamente, com destaque para as medidas relacionadas à governança das rendas geradas pela extração dos recursos naturais.

Na sequência, buscou-se identificar trabalhos recentes que abordassem temas semelhantes. Para isso, foi construída uma rede a partir das obras publicadas em 2016 e 2017 que, por escolha dos autores deste artigo, tivessem ao menos cinco referências em comum. Na visualização desta rede, mostrada na Figura 3, o diâmetro dos círculos é diretamente proporcional ao número de citações das 23 publicações que eles rotulam e as linhas curvas mostram as 170 relações de acoplamento bibliográfico existentes entre essas publicações. Já a proximidade entre os círculos realça a intensidade da relação de acoplamento bibliográfico, enquanto que as cores dos círculos indicam o cluster ao qual as publicações fortemente acopladas foram atribuídas (Van Eck & Waltman, 2010).



**Figura 3:** Rede dos artigos acoplados

Fonte: Elaborada pelos autores

Nota: Uma versão interativa da rede de artigos acoplados foi disponibilizada pelos autores em <<https://goo.gl/K6evCW>>. Na versão interativa é possível aplicar zoom sobre os clusters, explorar detalhadamente os dados bibliográficos dos artigos (título, autores, periódico) e acessar o periódico no qual o artigo está publicado. Para utilizar estes recursos é necessário que a ferramenta Java esteja instalada no seu computador.

Assim sendo, na Figura 3 podem ser identificados cinco clusters. As publicações do cluster verde continuam a debater sobre a existência de uma relação negativa entre recursos naturais e crescimento econômico. As conclusões destes trabalhos são divergentes, havendo autores que apoiam (Badeeb, Lean & Clark, 2017; Ahmed, Mahalik & Shahbaz, 2016; Taylor, 2016) e outros, que, baseados em resultados robustos de uma meta-análise de vários estudos anteriores, afirmam que a ocorrência da “resource curse” depende da qualidade institucional, do nível de investimento, do tipo de recurso e do modo como os recursos são medidos (Havranek, Horvath & Zeynalov, 2016). Há que se destacar que o trabalho de Van der Ploeg & Poelhekke (2017), embora tenha sido atribuído ao cluster lilás, discute um tema similar aos trabalhos do cluster





verde. Nesse sentido, os autores reconhecem que as evidências empíricas de que os recursos naturais afetem negativamente o desenvolvimento dos países são repletas de problemas econométricos. Para superá-los, sugerem que estas evidências sejam verificadas por meio da comparação de regiões de um mesmo país, pois isso garantiria que os resultados fossem menos influenciados por variáveis institucionais, legais e políticas, as quais dependem do contexto dos países.

No cluster magenta as publicações discutem a relação entre recursos naturais e outras dimensões do desenvolvimento, como, por exemplo, investimentos em capital humano (Cockx & Francken, 2016) e emprego de mulheres (Kotsadam & Tolonen, 2016). No cluster vermelho, também há trabalhos que estudam a relação entre recursos naturais e emprego (Tsvetkova & Partridge, 2016), apesar de o foco ser os efeitos político-econômicos, como a democracia (Siakwah, 2017; Obydenkova, Nazarov & Salahodjaev, 2016).

A governança das rendas geradas pela extração dos recursos naturais é o tema debatido pelas publicações do cluster azul. De modo geral, os trabalhos deste cluster analisam a eficácia do Extractive Industries Transparency Initiative (EITI), um programa criado em 2003, que visa promover a gestão transparente e responsável dos recursos do petróleo, gás natural e minérios (<https://eiti.org/who-we-are>). Alguns destes estudos mostram que o EITI não impacta em maior desenvolvimento econômico (Sovacool et al., 2016) ou na redução da corrupção (Kasekende, Abuka & Sarr, 2016; Öge, 2016). Possivelmente, estes resultados estão relacionados ao fato de a adesão das empresas e dos países ao EITI ser voluntária (Andrews, 2016), ou seja, provavelmente somente aderem ao EITI os atores que já fazem uma gestão transparente e responsável das rendas geradas pela extração dos recursos naturais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou o momento de retornar às questões que nortearam o desenvolvimento deste trabalho. Qual foi a trajetória da pesquisa sobre “resource curse”? Mostrou-se que a pesquisa sobre “resource curse” desenvolveu-se sob duas perspectivas. A perspectiva macroeconômica, iniciada por Prebisch (1950) e impulsionada pelos trabalhos de Sanchs & Warner (1995) e Mehlum, Moene & Torvik (2006), argumenta que o efeito dos recursos naturais sobre o crescimento econômico depende, sobretudo, da qualidade das instituições. Já a perspectiva político-econômica, que teve origem com o trabalho de Mahdavy & Cook (1970) e se expandiu a partir das contribuições de Ross (2001), defende, em linhas gerais, que as rendas dos recursos naturais, via da redução da tributação, promove incentivos à perpetuação de governos autoritários. Quais são os temas emergentes da pesquisa sobre “resource curse”? Apurou-se que o debate sobre a real existência de uma relação negativa entre recursos naturais e crescimento econômico ou democracia ainda continua ativo. Porém, os trabalhos mais recentes têm procurado, principalmente, encontrar medidas que possam aumentar a governança das rendas geradas pela extração dos recursos naturais, ou seja, o foco tem sido a busca pela solução da “resource curse”.

Os resultados deste trabalho permitem compreender a gênese, a difusão do conhecimento e os tópicos emergentes da pesquisa sobre “sobre resource”. No entanto, eles devem ser interpretados levando-se em consideração algumas limitações. Primeiramente, os dados utilizados se referem apenas às publicações cujos registros estavam disponíveis na WoS. É provável que haja outras importantes publicações sobre “resource curse”, mas acredita-se que esta probabilidade deva ser baixa, pois o banco de publicações da WoS é muito amplo. Além disso, a ocorrência de citações negativas, autocitações ou ausência de citações nas publicações podem ter influenciado os





resultados obtidos. Entretanto, presume-se que este risco seja pequeno, devido aos rigorosos critérios de qualidade usados pela WoS para selecionar as publicações que compõem a sua base de dados.

Apesar dessas limitações, os resultados deste estudo fornecem ao menos três insights para uma agenda de pesquisa sobre “resource curse”. A primeira questão de pesquisa é bastante óbvia: os recursos naturais têm, de fato, um efeito negativo sobre o desenvolvimento? A linha de pesquisa mais promissora argumenta que este efeito é condicionado, principalmente, à qualidade das instituições (Mehlum, Moene & Torvik, 2006). No entanto, testar empiricamente esta hipótese requer que sejam identificadas quais são instituições que importam e estabelecer os critérios para medir a qualidade delas. Nesta frente de pesquisa, a recomendação é que as evidências sejam verificadas por meio da comparação de estados ou municípios de um mesmo país, pois isso minimizaria os problemas decorrentes da influência de fatores contextuais, que ocorrem quando a comparação é feita entre países (Van der Ploeg & Poelhekke, 2017).

Outro ponto a se considerar é que, tradicionalmente, as pesquisas sobre “resource curse” têm investigado os efeitos dos recursos naturais sobre o crescimento econômico, democracia/autoritarismo e incidência de guerras e conflitos civis. No entanto, que outras dimensões do desenvolvimento podem ser afetadas pela riqueza em recursos naturais? Trabalhos recentes têm sugerido que há uma relação inversa entre recursos naturais e investimentos em capital humano (Cockx & Francken, 2016) ou empregabilidade das mulheres (Kotsadam & Tolonen, 2016). Somado a isso, no âmbito local, por exemplo, a extração de recursos naturais pode gerar lucros, receita fiscal para o governo e ligações econômicas com outros setores, embora também possa acarretar em mudanças nos preços relativos locais, desmatamento, poluição e migração social. É preciso investigar qual é o efeito líquido, pois, até o momento, as evidências empíricas são limitadas (Cust & Viale, 2016).

Além disso, ainda é preciso responder o que pode ser feito para evitar os efeitos perversos da dotação dos recursos naturais? A literatura tem sugerido que solução pode estar na melhoria da qualidade das instituições, sobretudo por meio da implementação de políticas que visem aumentar a governança das rendas geradas pela extração dos recursos naturais. Porém, algumas pesquisas recentes têm mostrado que maior transparência não é uma condição suficiente para avalancar o desenvolvimento econômico (Sovacool et al., 2016) ou reduzir a corrupção (Kasekende, Abuka & Sarr, 2016; Öge, 2016). No entanto, como estas pesquisas somente analisaram os resultados comparando países e empresas que aderiram ao Extractive Industries Transparency Initiative, é preciso investigar o que ocorre em países ricos em recursos naturais que não aderiram àquele programa, como é o caso do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- Acedo, F. J., Barroso, C., & Galan, J. L. (2006). The resource-based theory: dissemination and main trends. *Strategic Management Journal*, 27(7), 621-636.
- Acemoglu, D., Johnson, S., & Robinson, J. A. (2001). The colonial origins of comparative development: An empirical investigation. *American economic review*, 91(5), 1369-1401.
- Ahmadov, A. K. (2014). Oil, democracy, and context: A meta-analysis. *Comparative Political Studies*, 47(9), 1238-1267.
- Ahmed, K., Mahalik, M. K., & Shahbaz, M. (2016). Dynamics between economic growth, labor, capital and natural resource abundance in Iran: An application of the combined cointegration approach. *Resources Policy*, 49, 213-221.



- Akacem, M., & Cachanosky, N. (2016). The myth of the resource curse: A case study for Algeria.
- Andrews, N. (2016). A Swiss-Army Knife? A Critical Assessment of the Extractive Industries Transparency Initiative (EITI) in Ghana. *Business and Society Review*, 121(1), 59-83.
- Auty, R. M. (1990). Resource-based industrialization: Sowing the oil in eight developing countries. *Oxford University Press*, USA.
- Auty, R. M. (1993). *Sustaining Development in Mineral Economies: The Resource Curse Thesis*.
- Badeeb, R. A., Lean, H. H., & Clark, J. (2017). The trajectory of the natural resource curse thesis: A critical literature survey. *Resources Policy*, 51, 123-134.
- Beblawi, H. (1987). The rentier state in the Arab world. *Arab Studies Quarterly*, 383-398.
- Booth, A., Sutton, A., & Papaioannou, D. (2016). *Systematic approaches to a successful literature review*. Sage.
- Brunnschweiler, C. N., & Bulte, E. H. (2008). The resource curse revisited and revised: A tale of paradoxes and red herrings. *Journal of environmental economics and management*, 55(3), 248-264.
- Caselli, F., & Michaels, G. (2013). Do oil windfalls improve living standards? Evidence from Brazil. *American Economic Journal: Applied Economics*, 5(1), 208-38.
- Chadegani, A. A., Salehi, H., Yunus, M., Farhadi, H., Fooladi, M., Farhadi, M., & Ale Ebrahim, N. (2013). *A comparison between two main academic literature collections: Web of Science and Scopus databases*.
- Christensen, J., Shaxson, N., & Wigan, D. (2016). The finance curse: Britain and the world economy. *The British Journal of Politics and International Relations*, 18(1), 255-269.
- Close, C. (2016). Rethinking intra-party cohesion. *In Australian Political Studies Association Annual Conference*, Sydney.
- Cockx, L., & Francken, N. (2016). Natural resources: A curse on education spending?. *Energy Policy*, 92, 394-408.
- Collier, P., & Hoeffler, A. (2005). Resource rents, governance, and conflict. *Journal of conflict resolution*, 49(4), 625-633.
- Corden, W. M. (1984). Booming sector and Dutch disease economics: survey and consolidation. *Oxford economic papers*, 36(3), 359-380.
- Corden, W. M., & Neary, J. P. (1982). Booming sector and de-industrialisation in a small open economy. *The economic journal*, 92(368), 825-848.
- Cotet, A. M., & Tsui, K. K. (2013). Oil and conflict: What does the cross country evidence really show?. *American Economic Journal: Macroeconomics*, 5(1), 49-80.
- Cust, J., & Viale, C. (2016). Is there evidence for a subnational resource curse?. *Policy Paper*. Natural Resource Governance Institute.
- Dauvin, M., & Guerreiro, D. (2017). The paradox of plenty: A meta-analysis. *World Development*, 94, 212-231.
- David-Barrett, E., & Okamura, K. (2016). Norm diffusion and reputation: the rise of the extractive industries transparency initiative. *Governance*, 29(2), 227-246.
- Deacon, R. T. (2011). The political economy of the natural resource curse: a survey of theory and evidence. *Foundations and Trends® in Microeconomics*, 7(2), 111-208.
- Dunning, T. (2008). *Crude democracy: Natural resource wealth and political regimes* (Vol. 7). Cambridge: Cambridge University Press.
- Flatt, J. W., Blasimme, A., & Vayena, E. (2017). Improving the Measurement of Scientific Success by Reporting a Self-Citation Index. *Publications*, 5(3), 20.
- Frankel, J. A. (2010). *The natural resource curse: a survey*(No. w15836). National Bureau of Economic Research.
- Gelb, A. H. (1988). *Oil windfalls: Blessing or curse?*. Oxford university press.
- Gilberthorpe, E., & Papyrakis, E. (2015). The extractive industries and development: The resource curse at the micro, meso and macro levels. *The extractive industries and society*, 2(2), 381-390.



- Haber, S., & Menaldo, V. (2011). Do natural resources fuel authoritarianism? A reappraisal of the resource curse. *American political science Review*, 105(1), 1-26.
- Havranek, T., Horvath, R., & Zeynalov, A. (2016). Natural resources and economic growth: A meta-analysis. *World Development*, 88, 134-151.
- He, Z., Lei, Z., & Wang, D. (2018). Modeling citation dynamics of “atypical” articles. *Journal of the Association for Information Science and Technology*.
- Hirschman, A. O. (1958). The strategy of economic development (No. 04; HD82, H5.).
- Humphreys, M. (2005). Natural resources, conflict, and conflict resolution: Uncovering the mechanisms. *Journal of conflict resolution*, 49(4), 508-537.
- Kasekende, E., Abuka, C., & Sarr, M. (2016). Extractive industries and corruption: Investigating the effectiveness of EITI as a scrutiny mechanism. *Resources Policy*, 48, 117-128.
- Kelsey, T. W., Partridge, M. D., & White, N. E. (2016). Unconventional gas and oil development in the United States: Economic experience and policy issues. *Applied Economic Perspectives and Policy*, 38(2), 191-214.
- Klavans, R., & Boyack, K. W. (2017). Which type of citation analysis generates the most accurate taxonomy of scientific and technical knowledge?. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, 68(4), 984-998.
- Kotsadam, A., & Tolonen, A. (2016). African mining, gender, and local employment. *World Development*, 83, 325-339.
- Krugman, P. (1987). The narrow moving band, the Dutch disease, and the competitive consequences of Mrs. Thatcher: Notes on trade in the presence of dynamic scale economies. *Journal of development Economics*, 27(1-2), 41-55.
- Kusumastuti, S., Derks, M. G., Tellier, S., Di Nucci, E., Lund, R., Mortensen, E. L., & Westendorp, R. G. (2016). Successful ageing: a study of the literature using citation network analysis. *Maturitas*, 93, 4-12.
- Lawer, E. T., Lukas, M. C., & Jørgensen, S. H. (2017). The neglected role of local institutions in the ‘resource curse’ debate. Limestone mining in the Krobo region of Ghana. *Resources Policy*, 54, 43-52.
- Le Billon, P. (2001). The political ecology of war: natural resources and armed conflicts. *Political geography*, 20(5), 561-584.
- Lipset, S. M. (1959). Some social requisites of democracy: Economic development and political legitimacy. *American political science review*, 53(1), 69-105.
- Mahdavy, H., & Cook, M. (1970). The patterns and problems of economic development in rentier states: The case of Iran. *life*, 1000(1).
- Mehlum, H., Moene, K., & Torvik, R. (2006). Institutions and the resource curse. *The economic journal*, 116(508), 1-20.
- North, D.C. (1990). *Institutions, institutional change and economic performance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Obydenkova, A., Nazarov, Z., & Salahodjaev, R. (2016). The process of deforestation in weak democracies and the role of Intelligence. *Environmental research*, 148, 484-490.
- Öge, K. (2016). Which transparency matters? Compliance with anti-corruption efforts in extractive industries. *Resources Policy*, 49, 41-50.
- Papyrakis, E. (2016). The resource curse-what have we learned from two decades of intensive research: Introduction to the special issue. *The Journal of Development Studies*, 53(2), 175-185.
- Prebisch, R. (1950). Crecimiento, desequilibrio y disparidades: interpretación del proceso de desarrollo económico. En: *Estudio económico de América Latina, 1949-E/CN. 12/164/Rev. 1-1950-p. 3-89*.
- Qasim, M. (2017). Sustainability and wellbeing: A scientometric and bibliometric review of the literature. *Journal of Economic Surveys*, 31(4), 1035-1061.



- Qiu, J. P., Dong, K., & Yu, H. Q. (2014). Comparative study on structure and correlation among author co-occurrence networks in bibliometrics. *Scientometrics*, 101(2), 1345-1360.
- Raghuram, S., Tuertscher, P., & Garud, R. (2010). Research note—mapping the field of virtual work: A cocitation analysis. *Information Systems Research*, 21(4), 983-999.
- Ross, M. L. (2001). Does oil hinder democracy?. *World politics*, 53(3), 325-361.
- Ross, M. L. (2012). *The oil curse: how petroleum wealth shapes the development of nations*. Princeton University Press.
- Ross, M. L. (2015). What have we learned about the resource curse?. *Annual Review of Political Science*, 18, 239-259.
- Rustad, S. A., Le Billon, P., & Lujala, P. (2017). Has the Extractive Industries Transparency Initiative been a success? Identifying and evaluating EITI goals. *Resources Policy*, 51, 151-162.
- Sachs, J. D., & Warner, A. M. (1995). *Natural resource abundance and economic growth* (No. w5398). National Bureau of Economic Research.
- Sachs, J. D., & Warner, A. M. (1999). The big push, natural resource booms and growth. *Journal of development economics*, 59(1), 43-76.
- Sachs, J. D., & Warner, A. M. (2001). The curse of natural resources. *European economic review*, 45(4-6), 827-838.
- Siakwah, P. (2017). Are natural resource windfalls a blessing or a curse in democratic settings? Globalised assemblages and the problematic impacts of oil on Ghana's development. *Resources Policy*, 52, 122-133.
- Sovacool, B. K., Walter, G., Van de Graaf, T., & Andrews, N. (2016). Energy governance, transnational rules, and the resource curse: exploring the effectiveness of the extractive industries transparency initiative (EITI). *World Development*, 83, 179-192.
- Strozzi, F., & Colicchia, C. (2015). Information processing and management using citation network and keyword analysis to perform a systematic literature review on Green Supply Chain Management. *Journal of scientometric research*, 4(3), 195-205.
- Taylor, I. (2016). Dependency redux: Why Africa is not rising. *Review of African Political Economy*, 43(147), 8-25.
- Tsvetkova, A., & Partridge, M. D. (2016). Economics of modern energy boomtowns: Do oil and gas shocks differ from shocks in the rest of the economy?. *Energy Economics*, 59, 81-95.
- Ulfelder, J. (2007). Natural-resource wealth and the survival of autocracy. *Comparative Political Studies*, 40(8), 995-1018.
- Van der Ploeg, F., & Poelhekke, S. (2010). The pungent smell of “red herrings”: Subsoil assets, rents, volatility and the resource curse. *Journal of Environmental Economics and Management*, 60(1), 44-55.
- Van der Ploeg, F., & Poelhekke, S. (2017). The impact of natural resources: Survey of recent quantitative evidence. *The Journal of Development Studies*, 53(2), 205-216.
- Van Eck, N. J., & Waltman, L. (2010). Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. *Scientometrics*, 84(2), 523-538.
- Van Eck, N. J., & Waltman, L. (2014). CitNetExplorer: A new software tool for analyzing and visualizing citation networks. *Journal of Informetrics*, 8(4), 802-823.
- Van Eck, N. J., & Waltman, L. (2017). Citation-based clustering of publications using CitNetExplorer and VOSviewer. *Scientometrics*, 111(2), 1053-1070.
- Van Raan, A. F. (2017). Patent citations analysis and its value in research evaluation: A review and a new approach to map technology-relevant research. *Journal of Data and Information Science*, 2(1), 13-50.
- Van Wijnbergen, S. (1984). The Dutch Disease': a disease after all?. *The Economic Journal*, 94(373), 41-55.
- Waltman, L., & Eck, N. J. (2012). A new methodology for constructing a publication-level classification system of science. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, 63(12), 2378-2392.
- Zupic, I., & Čater, T. (2015). Bibliometric methods in management and organization. *Organizational Research Methods*, 18(3), 429-472.